

A cesura: Corpo presente, corpo ausente na observação de bebês¹.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo²

¹ Artigo publicado na Revista Brasileira de Psicanálise, Volume 56, nº 2, 95-. 2022

² Analista didata, analista de crianças, adolescentes e adultos e docente do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), filiada à Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

Resumo

A pandemia de covid-19 causou um trauma coletivo no mundo. O observador, no método Esther Bick, cumpre várias funções na família: continência, escuta, atenção qualificada, trabalho de sonho alfa, construção do setting, criação do objeto de observação no campo observacional. Foi oferecida às famílias a possibilidade de dar continuidade à experiência online, quando a observação já tinha sido iniciada e o vínculo com os pais e o bebê já estava se constituindo. Transformações e invariantes entre a observação face a face e o trabalho online são separadas e continuam por uma cesura. A observação analítica ajuda a esculpir a identidade analítica. Os grupos de discussão sobre o trabalho virtual, especialmente sobre as observações em curso, também nos encorajaram a prosseguir online as análises com crianças com severas perturbações.

Palavras-chave

covid-19, cesura, observação de bebês, observação online, identidade analítica

O problema que parece ser extremamente importante, penso, mais importante todos os dias, é de observação.

w. r. bion

A observação

A observação é um instrumento do método científico. A especificidade da observação psicanalítica é o reconhecimento da presença do inconsciente em relação dialética com a consciência, em todos os protagonistas do campo observacional.

Freud (1893/1976a) apreciou as lições de seu professor Charcot, na Salpêtrière. O mestre relata que Charcot costumava olhar repetidas vezes as coisas que não conhecia, até que de repente o entendimento fosse aberto. Ressalto aí a capacidade de tolerar o desconhecido para que o *novo* possa aparecer. Esse é o espírito de Freud, que, usando a observação como ferramenta, não se acomoda ao já conhecido³.

Rezende (2014) afirma que a palavra *método* vem dos *metahodos* gregos. *Hodos* significa “estrada”. A poesia de Antonio Machado nos lembra: “Caminhante, não há caminho, se faz o caminho ao andar” (1901/1912, p. 5). Tanto a etimologia quanto a poesia nos alertam sobre os perigos das posições rígidas, dogmáticas, unívocas.

O método de observação de bebês (ob) criado por Esther Bick (1962, 1964) é uma experiência de treinamento que visa aprimorar o instrumental psicanalítico e a capacidade de observação nos analistas em formação⁴. A inspiração surgiu diante das dificuldades apresentadas pelos pretendentes no exercício da profissão impossível, no contato e na compreensão das próprias

³ Freud adverte sobre a importância técnica de alcançar as configurações do inconsciente estrutural, não verbalizadas e nunca reprimidas por serem anteriores à repressão (Marucco, 1998).

⁴ Esther Bick valida o método na formação do pensamento científico, e ainda afirma que observar e pensar constituem uma unidade inseparável. O método ensina a prosseguir com prudência e a confiar na validação ou na refutação das hipóteses nas observações seguintes. Os padrões de comportamento são delineados, padrões de invariância, bem como as mudanças.

emoções (Nemas & Urman, 2012) e na turbulência emocional em si (Harris, 2012). Esse método é uma ferramenta útil para a auto-observação.

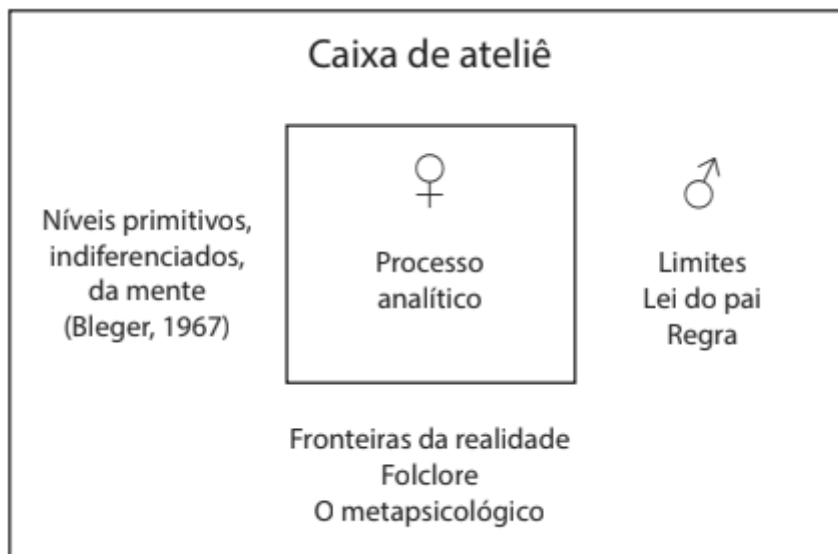
Não é possível conceber o método de ob Esther Bick sem estes três momentos: 1) observação semanal, na residência ou na instituição onde está o bebê, durante uma hora; 2) relato escrito e detalhado da experiência, incluindo as vivências e as ocorrências na mente do observador, seu trabalho de sonho alfa; 3) participação no grupo semanal de discussão, coordenado por um analista experiente.

O método de observação de bebês Esther Bick.

Construção e reinstauração do setting: condição para o trabalho.

O setting condensa as normas formais, no nível manifesto, sobre o trabalho a ser feito e convoca a aparição dos processos inconscientes do psiquismo no cenário. O conselho de Bick, para que o observador seja uma tela em branco, é impossível de alcançar. Ele pode, sim, instalar a função receptora (Inglez de Souza, 2007). A neutralidade ideológica, nunca afetiva, é um objetivo a ser atingido.

A vibração do setting é uma forma de dizer o indizível, na linguagem não verbal (Bleger, 1967). Nas suas alterações, os níveis primitivos da mente se incrustam.



Para Green (2012), o enquadramento é o eixo terciário, um estado de transição. Nesse espaço, o trabalho psíquico do analista é fonte de imaginação criativa, guardião do trabalho. Muito além do nível manifesto, na fronteira com a realidade – tempo, espaço, frequência –, o setting condensa uma polissemia de sentidos metapsicológicos.

Combinamos com os pais um horário possível para eles e para o observador. Na ob não há honorários. Nós solicitamos a disponibilidade da família e mantemos a regularidade e a constância do setting. No encontro não se tomam notas nem se grava. Todas as alterações no setting são significativas, tanto por parte do observador como por parte da família.

Vários autores, como Bleger (1967), Fédida (1992), Green (2008) e Quinodoz (1993), ressaltam que o setting é nosso marco de trabalho. Ele enquadra o processo analítico e a ob. O setting tem uma função feminina no continente, de acolhimento, receptividade e empatia. E exerce uma função masculina na colocação de limites, da norma, da lei.

A escuta na transferência

Na obra não há interpretações verbais, só atos interpretativos (Ogden, 1996). Na ópera do encontro, como ressalta Prat (2019), o analista não passa *para* o ato; sua compreensão passa *pele* ato.

Importa criar um espaço interno para a continência das diferentes vozes – metáfora sinfônica polifônica (Bollas, 2007) –, com suas melodias, ritmos, entonações e tons musicais.

Comunicação inconsciente

O observador oferece sua mente tão analisada quanto possível, permeável ao seu inconsciente, capaz de realizar o trabalho de sonho alfa (Bion, 1992), que permite a assimilação das experiências emocionais. As impressões sensoriais se transformam em pictogramas, em linguagem pré-verbal, em compreensão e *après-coup* na narrativa escrita. Sonhar permite digerir e é uma aproximação da verdade (Cortiñas, 2011).

Para Bollas (2007), o principal agente de trabalho da psicanálise é o trabalho *entre* inconscientes, no par analítico. Essa ideia já está presente em Freud, quando afirma: “E, enquanto escuto [o paciente], eu mesmo me abandono ao curso de meus pensamentos inconscientes” (1913/1976c, p. 135).

A comunicação de inconsciente a inconsciente está relacionada com a telepatia (Moreno, 2016), o transcorrer conectivo e o entrelaçamento⁵ – fenômeno estudado pela física quântica (Stitzman, 2011). Na lógica sequencial, quando se percebem as ligações inconscientes das diferentes narrativas em ziguezague e as articulações com a experiência emocional, os significados emergem.

⁵ *Entanglement*: um estado influencia o outro simultaneamente, sem que medie comunicação entre eles; as influências se propagam, mesmo em sistemas separados.

Desenvolver a capacidade intuitiva

A intuição é a capacidade de observar o que é invisível aos sentidos. Ela exige contato com as emoções. É uma receptora distante e está relacionada à percepção emocional e à inteligência. A ob permite o seu desenvolvimento. O trabalho de sonho alfa, a capacidade negativa⁶, as recomendações técnicas de Bion – sem desejo, sem memória e sem compreensão – possibilitam a captura intuitiva do fato selecionado (Lisondo & Neborak, 2020)⁷.

A ob ajuda a esculpir a postura analítica. Nela estão presentes a capacidade de indagar e descobrir e a elaboração de conjecturas racionais e imaginativas. A tolerância à frustração e a modulação da dor mental contribuem para criar o equipamento básico para o desenvolvimento da função psicanalítica da personalidade.

A disciplina analítica, permanente, duradoura e contínua, permite vitalizar a intuição.

1) Registro escrito da experiência

A experiência da escrita na ob é análoga à experiência da escrita da sessão analítica. Esse registro é uma criação, uma obra de elaboração do autor. Nessa especificidade reside a riqueza da narrativa escrita.

O observador, no momento do registro, cria uma distância espacial e temporal. A escrita é um antídoto para a possível contaminação da mente do

⁶ Capacidade negativa: estar em meio a “incertezas, mistérios e dúvidas, sem uma busca irritadiça de fato e razão”, como John Keats (1817/1970) escreveu a seus irmãos.

⁷ Bion tomou de Poincaré o termo *fato selecionado*. Poincaré argumentou que os fatos que o conhecimento científico tem como valiosos são aqueles que servem para harmonizar e dar coerência aos fatos dispersos. Bion pensa que a conjunção constante é formada por uma multidão de fatos selecionados. Destes, um só é escolhido para nomear o todo. O nome é, portanto, o fato selecionado que designa uma conjunção constante (Sandler, 2005).

observador pelas fortes emoções vivenciadas durante a observação. Ela também é uma incubadora de novas ideias, sonhos e conjecturas. O observador psicanalítico (op) encontra, na narrativa, a possibilidade de ordenar e dar inteligibilidade à experiência da ob.

A impossibilidade de escrever é muito significativa. Pode indicar o caos e a inundação provocados no campo observacional pela turbulência emocional diante de: identificações projetivas intensas e patológicas; mecanismos de defesa tenazes e rígidos; presença predominante de vínculos negativos de amor (L), ódio (H) e conhecimento (K)⁸; transformações em alucinações; angústias catastróficas e psicóticas; e atuações. A mente do observador pode ser bombardeada com conteúdos radioativos, e ele pode ter dificuldades para metabolizar, transformar em pictogramas, nomear para si próprio, sonhar e, mais tarde, narrar o experimentado.

Os desvios na capacidade de observar os tremores no campo, apontados no seminário semanal, podem ser uma bússola para que o futuro analista, convulsionado, entre em contato, na sua análise, com áreas desconhecidas de sua mente (Magagna, 2012).

Na escrita, o profissional realiza uma “visita privada” ao seu trabalho.

2) Seminário semanal

O seminário permite que o op compare e estabeleça diferenças entre suas próprias observações e as de seus colegas. O op encontra, nesse espaço, a oportunidade de descobrir fortes projeções, fantasias, emoções, sonhos não digeridos, pesadelos, ideais, ações, forças da vida e alianças com os diferentes protagonistas da cena, capazes de pressionar sua mente e permitir o reavivamento de questões de seu mundo interno. A análise pessoal, durante a ob, pode alcançar estados primitivos da mente (emp) do observador.

⁸ –L corresponde à idolatria; –H, à hipocrisia e à crueldade; e –K, ao filisteísmo.

O seminário semanal pode ter uma função análoga à dos seminários clínicos, especialmente se o observador é estimulado, com humildade, a formular suas questões, dificuldades, lapsos, confusões, emoções em jogo e “pecados” cometidos.

Em grande angular, na história de várias observações, é possível perceber padrões significativos nos laços familiares, nas personalidades em jogo: as invariâncias.

Concordo com Crick (1997) quando enfatiza que, no seminário, o colega encontra uma “maneira de falar”, fazendo ouvir sua voz, que silenciou na ob.

Na ob, a disciplina analítica é mais exigida, há mais personagens no campo, e as emoções são muito intensas e primitivas, devido à dependência, à fragilidade e às competências do bebê, muito sensíveis às emoções do ambiente. O op é convocado a exercer a regra da abstinência no fogo das paixões.

3) Fatores da função analítica

É necessário criar um setting e, nele, o objeto de observação. A postura analítica encoraja a receptividade emocional, a continência e a empatia.

A tentação de dar conselhos/orientações, julgar, censurar, opinar e culpar distorce a função analítica. São fatores relevantes dela:

- capacidade de continência;
- paciência;
- capacidade de suportar frustrações;
- capacidade de exercer uma intuição penetrante;
- tolerância ao infinito e ao aleatório;
- capacidade de transformar em sonho (Ferro, 2017) as fortes emoções que emanam do campo;

- capacidade de sonho alfa;
- exercício da capacidade negativa;
- capacidade de pensar em vez de atuar;
- capacidade de encontrar o lugar para ser um op muito além do concreto (lugar simbólico, metafórico, escorregadio, perigoso);
- capacidade para realizar conjecturas intuitivas, racionais e imaginativas;
- capacidade de sustentar a fé científica; – outros a investigar.

Bick também pretendia oferecer aos alunos a oportunidade de entender mais claramente a vida emocional dos bebês. Ela queria facilitar o contato com a dimensão bebê da personalidade total do ser humano (Bianchedi et al., 1999).

Quando o analista é capaz de encontrar o bebê vivo no paciente, ele pode, com uma linguagem metafórica, dar voz às áreas inconscientes de difícil acesso verbal (Harris, 2012). O diálogo que Bion (1979/1996) escreveu em “*A aurora do esquecimento*”, volume 3 de “*Uma memória do futuro*”, entre os diferentes personagens é um exemplo vívido da mente multidimensional. O op é testemunha da origem das relações, e pode se aproximar do mistério da constituição da mente do bebê, que se expressa na linguagem não verbal, na prosódia, nas brincadeiras, nos prelúdios da aquisição da linguagem. O candidato também observa os vínculos na família e as interpretações dos pais sobre a criança.

As teorias são más companheiras quando clamam por comprovação e realização. Bion (1970) permite definir a especificidade da observação psicanalítica e diferenciá-la da observação em outras ciências, a fim de evitar pecados epistemológicos (Green, 1992; Rezende, 2000). Na observação psicanalítica, importa a dimensão psíquica que não é sensorial, apesar de ter um fundo – uma raiz – sensorial.

A ob possibilita tanto o treinamento analítico quanto o desenvolvimento da análise como disciplina científica – uma teoria da observação (Sandler, 2005). Existe uma analogia entre os estágios constitutivos do método de ob Esther Bick e os usos da grade de Bion (1977), no eixo horizontal, nos campos: atenção, notação e investigação.

A consciência do analista deve ser ampliada⁹ para coletar dados que estão além do sensorial. Formular o que não é entendido é estímulo para desencadear futuros fatos selecionados e garantir os progressos, os saltos epistemológicos. Na ob é necessário manter certo grau de não saturação e uma dose de mistério.

O método de ob é uma boa disciplina para o desenvolvimento da tarefa impossível: a formação da identidade analítica (Kohen de Abdala et al., 2001). O op constrói no campo analítico o objeto de observação com as dimensões da paixão, do bom senso e do mito. A ob exige atos de fé para uma aproximação de O¹⁰. Se o analista detecta as funções na ob, os fatores intervenientes podem ser formulados¹¹. Existem condições para a tarefa. A ob requer também o abandono de preconceitos e ideias preconcebidas (Lisondo, 2000).

A presença do analista gera efeitos de sentido no campo observacional.

⁹ A consciência expandida é um desdobramento da consciência rudimentar. Aquela percebe e entende; esta percebe sem entender o percebido.

¹⁰ O termo O corresponde à origem, a zero. Bion o introduz em *Transformações* (1965). Refere-se à realidade imaterial, psíquica, última, nunca conhecida. Pode-se estar a caminho de O.

¹¹ As funções da ob são: 1) escuta; 2) verbalização; 3) compreensão; 4) recapitulação; 5) descoberta; 6) pensamento; 7) outras.

A cesura: corpo presente, corpo ausente na observação de bebês

Cesura é um termo que Freud (1926/1976b) usou e que Bion (1977) retomou ao final de sua vida. A cesura mostra um antes e um depois, e entre esses dois momentos existe a possibilidade de uma mudança catastrófica. O termo cesura marca uma separação e uma continuidade. Com o conceito de cesura, é possível indicar um momento pré-pandemia e um momento pós-pandemia e ilustrar as mudanças *entre* esses dois mundos. “Parafrazeando Freud: haveria muito mais continuidade entre assistir a um bebê cara a cara e observá-lo por videochamada do que a impressionante cesura imposta pela pandemia nos faria acreditar?” (Bianchini, 2020). Importa pensar não só nas mudanças, mas também nas invariâncias.

A palavra *catástrofe* vem do grego *katastrophe*, “fim súbito”, “virada de expectativas”, de *kata* (para baixo) mais *strophein* (virar). Essa palavra teve origem no teatro, no antigo drama grego. Era o momento que marcava um movimento feito pelo coro inteiro no teatro. O canto do coro separava uma cena da outra.

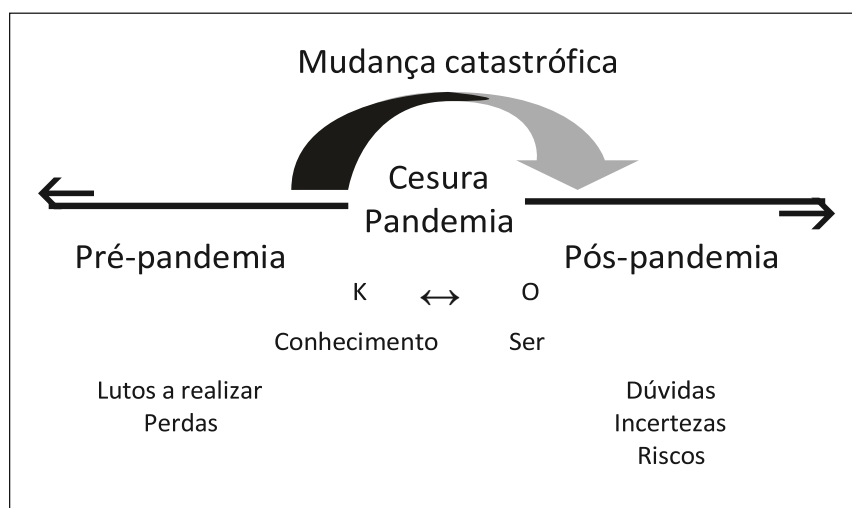
Há mudança catastrófica quando existe crescimento. Do contrário, em vez de mudança, há catástrofe. A pandemia nos exige enorme disciplina, impõe a aceitação de lutos, nos confronta com nossa vulnerabilidade e impotência ante a força arrasadora do desconhecido, o coronavírus, fantasma que nos assombra. Ela nos lança na incerteza de um mundo misterioso, que exige de nós potencializar a capacidade negativa.

A pandemia obrigou os analistas a enfrentar novos desafios, outrora inimagináveis, como o de realizar a ob online. Oportunidade preciosa, de acordo com o pensamento complexo e os sistemas abertos para criar alternativas, sem haver experiências prévias teorizadas. Essa cesura explícita que na ob o que continua vivo nas telas são as múltiplas funções da observação psicanalítica.

A ob destaca que o importante na observação é a postura, a capacidade para conter fortes emoções e pensar. Na ob nossa identidade analítica é convocada. Nossa presença muda esse campo. Ela é ativa mesmo que silenciosa, porque há gestos interpretativos (Ogden, 1996), comunicação inconsciente e conectiva (Moreno, 2016), aposta pulsional na relação do bebê com a família (Marucco, 2005), atenção qualificada (Meltzer, 1975) no objeto observacional, continência, sonho alfa do analista.

A observação pode produzir mudanças, ainda que não seja a intenção ou o foco da ob provocá-las.

Por que continuar com as observações online durante a pandemia? Porque já tínhamos observações com uma história, um caminho percorrido. Certos bebês já reconheciam a observadora.



Em março de 2020, o mundo foi sacudido pela presença do coronavírus. Um trauma social, difícil de elaborar através de uma rede simbólica. É possível pontuar certas invariáveis na pandemia, mas cada ser vive este momento histórico de acordo com a singularidade de sua paisagem mental (Barros et al., 2020).

A continuidade da observação online poderia passar uma mensagem: aceitamos que o encontro presencial é diferente do encontro online, mas como

analistas faremos o possível; nosso compromisso é com o contato psíquico e emocional.

A consciência das múltiplas funções do observador, a responsabilidade ética, sustentou epistemologicamente a continuidade dos trabalhos iniciados. O que teria acontecido com as famílias que prontamente aceitaram a observação online se houvesse uma ruptura no vínculo com o analista?

Pieczanski (2020) relata fatos ocorridos enquanto coordenava um grupo de observadores na China. Ora as famílias, ora os colegas negaram-se a continuar com a experiência. Sem deixar de levar em conta questões culturais, também é preciso pensar no quanto o observador realmente queria dar continuidade a essa experiência. O observador poderia estar sobrecarregado por estar no mesmo barco, em mundos superpostos, compartilhados (Puget & Wender, 2007). Também poderia se sentir difusamente inculcado enquanto chinês, por ser mundialmente responsabilizado pela transmissão do vírus; atormentado pelo medo, perante as exigências do novo, pela falta de referências na literatura e pela privação dos encontros presenciais, que são marca de nossa identidade. A pandemia impôs a quase todos os analistas a necessidade de repensar a potência da psicanálise, o valor do setting psíquico, para criar novos recursos criativos, apostando com fé no método.

Novos detalhes da amamentação na terceira observação online

Bianchini (2020) mostra que a possibilidade de trabalho online tem sido muito enriquecedora para as observadoras. Também as observações online têm revelado ser muito oportunas nas famílias. Um exemplo:

Com uma das mãos, a mãe segurava o celular, filmando perfeitamente a cena, e, com a outra, acariciava a mão, o braço e a cabeça do bebê. Um aspecto que considerei muito importante foi a possibilidade de observar a

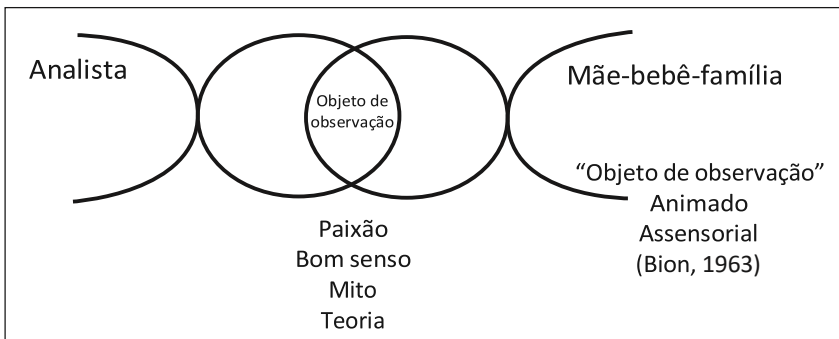
cena com maior riqueza de detalhes, devido à proximidade da câmera. Quando estou presente, não estou tão perto, para não parecer invasiva. Assim, os detalhes do olhar e os momentos em que o bebê liberou a mama foram melhor observados. Pude perceber a grande satisfação da mãe em poder me mostrar o desenvolvimento motor do filho. O aspecto negativo detectado foi que a mãe precisava trocar o lugar do celular, pois o bebê, sempre que o via, ia em sua direção para tentar pegá-lo.

Na observação e na psicanálise de crianças online, os pais são responsáveis por criar o setting, abrindo a conexão, manejando o celular para acompanhar os movimentos do bebê, posicionando o computador de forma a permitir que o profissional tenha uma boa visão, modulando o som, reconectando o dispositivo quando há instabilidade, informando sobre o que acontece quando o observador não consegue acompanhar os movimentos reais do infans.

Tanto na clínica quanto na observação, percebemos maior participação verbal do profissional, com exclamações e sons onomatopeicos. Talvez seja uma forma de compensar as limitações ante a privação da presença no ambiente.

O bebê tem sido capaz de manter um vínculo com o observador, aproximando-se da câmera, brincando às escondidas com jogos de espelhamento, mostrando um vínculo caloroso de proximidade.

Nós temos muito mais perguntas que respostas. É importante manter as dúvidas e as incertezas para poder investigar e explorar novas questões técnicas e metodológicas após a pandemia. O que ganhamos e o que perdemos na experiência online?



Cabe perceber as invariâncias na ob, tanto nas presenciais quanto nas realizadas online. A ob oferece a oportunidade de escutar a linguagem não verbal, escutar as vozes do silêncio. O observador faz conjecturas imaginativas e racionais, elabora hipóteses, valoriza seu trabalho de sonhos que aparecem na sua mente durante a observação. Esse trabalho de sonho alfa, como os lapsos, é uma porta para vislumbrar o entrecruzamento inconsciente no campo observacional.

No diálogo com o outro significativo, o infans emite sons e sílabas precursores da linguagem, na sua prosódia inspirada no manhês¹² da mãe. A observadora constrói a narrativa na escrita, pensa as conjecturas imaginativas.

A observação vai permitir esculpir a identidade analítica, porque o analista terá maiores recursos para observar o bebê que está dentro de si mesmo, o arcaico no infans, no adolescente e no paciente adulto.

Tudo o que aparece na tela é nosso campo observacional. A entrada de um irmão ou de outro familiar, a possibilidade de observar ou não o bebê, as mudanças da câmera ou a imobilidade do computador – que não permite registrar os movimentos de um bebê rastejando, engatinhando, deambulando no ambiente – são fatos significativos. O que perdemos observando online?

¹² O manhês, um modo especial de fala que a mãe dirige ao bebê, tem características que lhe são próprias, do ponto de vista de sua organização (dialógica), sua forma (léxica), sua estrutura (sintática) e sua prosódia. O diálogo mãe-bebê, construído com o manhês a partir de significados que a mãe atribui aos sinais produzidos pela criança, faz-se com base na função materna.

Não temos a visibilidade de todo o ambiente; observamos o recorte oferecido pelo cuidador. A construção do setting depende da colaboração da família e/ou dos cuidadores. Somos privados de aportes sensoriais importantes: o tato, o olfato, o sentido cenestésico e, às vezes, a escuta, quando há dificuldade nas redes.

Aos 5 meses e 15 dias: primeira observação com videochamada

Uma observadora coordenada por Bianchini (2020) relata:

A mãe apareceu na tela, sorriu para mim e me mostrou o bebê. Eu disse: “Oi, B [nome do bebê]!”. Ele estava de braços num tapete de borracha colocado ao lado do colchão onde estava apoiado com os braços. A mãe pôs o celular no chão, distante do bebê, encostado na parede, para que eu pudesse ver. Assim que o bebê me viu, sorriu e se voltou para o aparelho fazendo um som: “Ehhh”. Ele engatinhou até o celular sorrindo. A mãe pegou o telefone e colocou-o de volta no chão, encostado em outra parede, mas o bebê voltou a rastejar em sua direção, sorrindo. A mãe disse que seguraria o celular na mão, pois o bebê não desistia e queria pegá-lo. O bebê então rastejou até a parede onde havia um buraco.

O bebê estaria procurando o com-tato com a observadora? Queria pegá-la? Agarrá-la? Tê-la consigo?

O setting recriado na observação online

A pandemia exige de nós capacidade para criar, recriar, sustentar e reinstaurar o setting e a postura analítica com flexibilidade. Ainda é cedo para colher os frutos do trabalho online neste insólito laboratório mundial.

Não pretendemos ter respostas. Debruçar-nos sobre essas questões nos encontros científicos e nos artigos nos permite ampliar o pensamento clínico, sempre enigmático, polissêmico, imprevisível e complexo.

Com a pandemia, o setting sofreu profundas alterações, com implicações no campo observacional. Eis aqui a percepção de uma observadora coordenada por Bianchini (2020):

Um impacto significativo da transição foi que o observador online não é mais capaz de observar a relação mãe-bebê de forma tão livre, espontânea e natural: a observação online depende do ângulo, do foco, da distância, da direção, na perspectiva escolhida pela mãe. Por outro lado, pelo fato de o observador se encontrar naquela posição mais inativa, atrás das lentes e do ponto de vista escolhido pela mãe, aqueles cortes, por ela selecionados, podem servir de material de observação. Podemos observar o que a mãe quer revelar ou assistir.

Os efeitos da presença do observador na família e da experiência da OB no analista

O observador participa ativamente no campo observacional. Os pais aprendem com nossa função. Importa a aposta pulsional do analista, como diz Marucco (1998), porque, ao focalizar o bebê e o seu entorno, com atenção qualificada e paixão pelo método, mostramos nosso interesse. O bebê será a majestade.

Segundo Meltzer (1975), quando a mãe perde a atenção qualificada no filho, a mente pode desmantelar. É como se entre os tijolos empilhados para construir o aparelho mental não houvesse cimento, e então eles desmoronassem. A atenção qualificada do cuidador funciona como o cimento. Ela é de fundamental importância para que o bebê se torne sujeito.

Ao construir o objeto de observação e focalizar o bebê e suas relações, colocamos o bebê como protagonista principal da cena. Assim, os pais, identificados com o observador, podem vir a se sensibilizar com a fragilidade, as capacidades, o sofrimento e as potencialidades do bebê.

Na pandemia, o psiquismo parental tem sido muito exigido. “Só nesta hora que parei para ficar com ele. Eu lhe dou o celular para poder trabalhar. Agora vejo que ele parou de balbuciar. Será que está viciado no celular?” A mãe de Ivo, de 8 meses, percebe a paralisação na aquisição da linguagem do filho, e no encontro com a observadora, companhia viva e testemunha, compartilha sua angústia.

O analista que fez ob tem mais facilidade para entrar no ambiente do paciente. Muitos analistas se sentem intrusos ao entrar nessa intimidade espacial. Se o paciente aceita fazer análise ou observação online, é porque está disposto, porque precisa continuar com essa experiência.

Às vezes, o paciente necessita mostrar seu ambiente real para o analista, em verdadeiras visitas guiadas pelos diferentes espaços da casa; outras vezes, quer pôr em evidência as interferências da família, o desrespeito com a intimidade do setting, e/ou mostrar concretamente os tesouros, como os animais de estimação.

Por que a família aceita a experiência da observação de seu bebê, ou aceita atravessar a cesura entre a experiência presencial e a experiência online? A família tem questões inconscientes que procuram um continente, uma companhia viva, um interlocutor privilegiado.

As famílias que nos aceitam têm uma forte concepção psicanalítica da personalidade, com predomínio do tropismo criativo. O observador é aceito com a expectativa inconsciente do encontro com um objeto estético, compreensivo, transformador, inspirador, fonte de segurança e vitalidade.

Nós estamos implicados nesse campo observacional e, como mostra o casal Baranger (1969/1993), constituímos vínculos. Uma observadora coordenada por Bianchini (2020) declara:

Posso afirmar que o vínculo não foi rompido, pois o desejo de continuidade é compartilhado pela mãe e por mim. O último encontro, aquele que tive a felicidade de ser presencial (sugerido pela própria mãe), corrobora a manutenção desse vínculo.

Paciência, prudência e sabedoria são conquistas possíveis do observador.

Para terminar, compartilho mais um depoimento de uma observadora: “O bebê tinha 5 meses e 15 dias. ... Surgiu o inesperado, inimaginável, impensável e, com ele, as incertezas da continuidade do trabalho. E agora? Como fazer? A mera possibilidade dessa interrupção abrupta me deixou com o coração partido” (Bianchini, 2020). A postura analítica encarnada, apaixonada e comprometida do observador na família foi um fator fundamental para continuar as observações na nova realidade.

La cesura: cuerpo presente, cuerpo ausente en la observación de bebés

Resumen

La pandemia de covid-19 provocó un trauma colectivo en el mundo. El observador, en el método Esther Bick, cumple varias funciones en la familia: continencia, escucha, atención cualificada, trabajo de sueño alfa, construcción e instauración del encuadre, creación del objeto de observación en el campo observacional. Se ofreció a las familias la posibilidad de continuar con la experiencia en línea, cuando la observación ya había sido iniciada y un vínculo con los padres y el bebé ya se estaba constituyendo. Transformaciones e invariantes entre la observación presencial y el trabajo en línea están separadas y continúan por una cesura. La observación analítica ayuda a esculpir la identidad analítica. Los grupos de discusión sobre el trabajo virtual, en especial sobre las observaciones de bebés, también nos han dado valor para continuar el análisis con niños severamente perturbados. Palabras clave: covid-19, cesura, observación de bebés, observación en línea, identidad analítica

Caesura: present body, absent body in the observation of babies

Abstract

The covid-19 pandemic caused collective trauma worldwide. The observer, in the Esther Bick method, performs several functions in the family: continence, listening, qualified attention, dream-work-alfa, construction of the setting, creation of the object of observation in the observational field. Families were offered the possibility of continuing the online experience when observation had already begun and the bond with parents and baby was already forming. Transformations and invariants between face-to-face observation and online work are separated and continued by a caesura. Analytical observation helps to sculpt analytical identity. Discussion groups

on virtual work, especially on observations, also encouraged us to continue the analysis with severely disturbed children.

Keywords: covid-19, caesura, infant observation, online observation, analytical identity

La césure : corps présent, corps absent dans l'observation des bébés

Résumé : La pandémie de covid-19 a provoqué un trauma collectif partout dans le monde. L'observateur, selon la méthode Esther Bick, remplit plusieurs fonctions dans la famille : continence, écoute, attention qualifiée, travail de rêve alfa, construction du cadre, création de l'objet d'observation dans le champ observationnel. Les familles se sont vu offrir la possibilité de poursuivre l'expérience en ligne alors que l'observation avait déjà commencé et que le lien avec les parents et le bébé était déjà en train de se former. Les transformations et les invariants entre l'observation en présentiel et le travail en ligne sont séparés et continuent au moyen d'une césure. L'observation analytique aide à sculpter l'identité analytique. Les groupes de discussion du travail virtuel, en particulier des observations en cours, nous ont également encouragés à poursuivre en ligne les analyses avec de jeunes enfants ayant des troubles sévères.

Mots-clés : covid-19, césure, observation de bébé, observation en ligne, identité analytique

Referências

- Baranger, W. & Baranger, M. (1993). *Problemas del campo psicoanalítico*. Kargieman.
(Trabalho original publicado em 1969)
- Barros, A. R., Staal, A., Ferro, A., Chervet, B., Bollas, C., Kupermann, D., Barros, E. M. R., Lévy, F., Levine, H. B., Tyszler J.-J., Durban, J., Rustin, M., Mello, P. C., Lombardi, R., Frisch, S. & Jaron, S. (2020). *Paisagens da vida mental sob a covid-19* [Apresentação de trabalho]. Reunião científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- Bianchedi, E. T., Antar, R., Bianchedi, M., Cortiñas, L. P., Dimant, S. N., Kaplan, A. G., Sáenz, M. M. & Oelsner, R. (1999). *Bion: conocido/desconocido*. Lugar.
- Bianchini, P. (2020, 23 de outubro). [Apresentação de trabalho]. 33º Congresso Latino- -Americano de Psicanálise, online.
- Bick, E. (1962). Child analysis today. *The International Journal of Psychoanalysis*, 43, 238-332.
- Bick, E. (1964). Notes on instant observation in psychoanalysis training. *The International Journal of Psychoanalysis*, 45, 558-566.
- Bion, W. R. (1963). *Elements of psychoanalysis*. Heinemann.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations*. Karnac.
- Bion, W. R. (1970). *Attention and interpretation*. Tavistock.
- Bion, W. R. (1977). *Two papers: The grid and Caesura*. Imago.
- Bion, W. R. (1996). *Uma memória do futuro* (P. C. Sandler, Trad., Vol. 3). Imago. (Trabalho original publicado em 1979)
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. Karnac.
- Bleger, J. (1967). Psicoanálisis del encuadre psicoanalítico. *Revista de Psicoanálisis*, 24(2), 241-258.
- Bollas, C. (2007). Cuatro: sumando a una familia. *Transiciones*, 12, 231-248.
- Cortiñas, L. P. (2011). *Sobre el crecimiento mental: ideas de Bion que transforman la clínica psicoanalítica*. Biebel.
- Crick, P. (1997). Mother-baby observation: the position of the observer. *Psychoanalytic Psychotherapy*, 11(3), 245-255.

- Fédida, P. (1992). *Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica* (M. Gambini & C. Berliner, Trans.). Escuta.
- Ferro, A. (2017). *Tormentos de almas: paixões, sintomas, sonhos* (M. Petriccioni, Trad.). Blucher.
- Freud, S. (1976a). Charcot. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 3, pp. 7-24). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893)
- Freud, S. (1976b). Inhibición, síntoma y angustia. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 20, pp. 71-164). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1976c). Tótem y tabú. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 13, pp. 1-164). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913)
- Green, A. (1992). *La déliaison: psychanalyse, anthropologie et littérature*. Les Belles Lettres.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (A. M. R. Rivarola, Trad.). Imago; sbpsp.
- Green, A. (2012). Le cadre psychanalytique: son intériorisation chez l'analyste et son application dans la pratique. In A. Green, *La clinique psychanalytique contemporaine* (pp. 5-29). Ithaque.
- Harris, M. (2012). Contribución de la observación de la interacción madre-infante: el modelo Tavistock. En J. Magagna & C. Juarez (Orgs.), *Observación de bebés: el método Esther Bick de la Clínica Tavistock*. Paidós.
- Inglez De Souza, M. (2007). *A escuta psicanalítica em uma uti neonatal e pediátrica, como facilitadora de desenvolvimento mental* [Dissertação de mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Keats, J. (1970). Letter to George and Thomas Keats. In W. R. Bion, *Attention and interpretation*. Karnac. (Trabalho original publicado em 1817)
- Kohen de Abdala, G., Neborak, S., Nemas de Urman, C. & Ungar, V. (2001). *La observación de bebés y la identidad psicoanalítica* [Apresentação de trabalho]. Reunião científica da Associação Psicanalítica de Buenos Aires.

- Lisondo, A. B. D. (2000). A observação de bebês: o compromisso da psicanálise quando os maus-tratos são psíquicos. *Psicanálise em Revista*, 1(1), 81-87.
- Lisondo, A. & Neborak, S. (2020). *A observação de bebês: experiência privilegiada para o exercício da intuição* [Apresentação de trabalho]. Bion 2020, Barcelona, Espanha.
- Machado, A. (1912). Proverbios y cantares. Poema 29. In A. Machado, *Campos de Castilla*. (Trabalho original publicado em 1901)
- Magagna, J. (Ed.). (2012). *The silent child: communication without words*. Karnac.
- Marucco, N. (1998). *Cura analítica y transferencia: de la represión a la desmentida*. Amorrortu.
- Marucco, N. C. (2005). Actualización del concepto de trauma en la clínica psicoanalítica. *Revista de Psicoanálisis*, 63(3), 9-19.
- Marucco, N. C. (2007). Entre a recordação e o destino: a repetição. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(1), 121-136 .
- Meltzer, D. (1975). *Explorations in autism*. Clunie.
- Moreno, J. (2016). *El psicoanálisis interrogado: de las causas al devenir*. Lugar.
- Nemas, C. & Urman, J. (2012). Introducción. En J. Magagna & C. Juárez (Orgs.), *Observación de bebés: el método Esther Bick de la Clínica Tavistock*. Paidós.
- Ogden, T. (1996). O conceito de ato interpretativo. In T. Ogden, *Os sujeitos da psicanálise* (C. Berliner, Trad., pp. 103-132). Casa do Psicólogo.
- Pieczanski, N. (2020). [Apresentação de trabalho]. 33º Congresso Latino-Americano de Psicanálise, online.
- Prat, R. (2019, 2 de maio). Ações interpretativas na clínica com crianças. In *Seminário temático* [cd-rom]. sbpsp.
- Puget, J. & Wender, L. (2007). Mundo superpuesto entre paciente y analista revisitado al cabo de los años. *Revista Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, 30, 69-90.
- Quinodoz, J.-M. (1993). *A solidão domesticada: a angústia de separação em psicanálise* (F. F. Settineri, Trad.). Artes Médicas.
- Rezende, A. M. (2000). *O paradoxo da psicanálise: uma ciência pós-paradigmática*. Via Lettera.

- Rezende, A. M. (2014). *Bion e o futuro da psicanálise: expansão do universo mental* (2ª ed.). Arte Escrita.
- Sandler, P. C. (2005). *The language of Bion: a dictionary of concepts*. Karnac.
- Stitzman, L. (2011). Tropismo, repetición y forma: el modelo de la repetición entrelazada. *Psicoanálisis*, 23(2), 29-40.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo
alicia.beatriz.lisondo@gmail.com

